

# Vida Algarvia



Vol. 1

7

## SUMARIO

*Navio ao Mar!* por José Julio Rodrigues.

*O Grupo dos Amigos de Ossonoba* por J. B. W.

*No Palácio do Pachá de Mazagão* por José A. Dentinho Junior.

*A Linda* por Luiz do Campo.

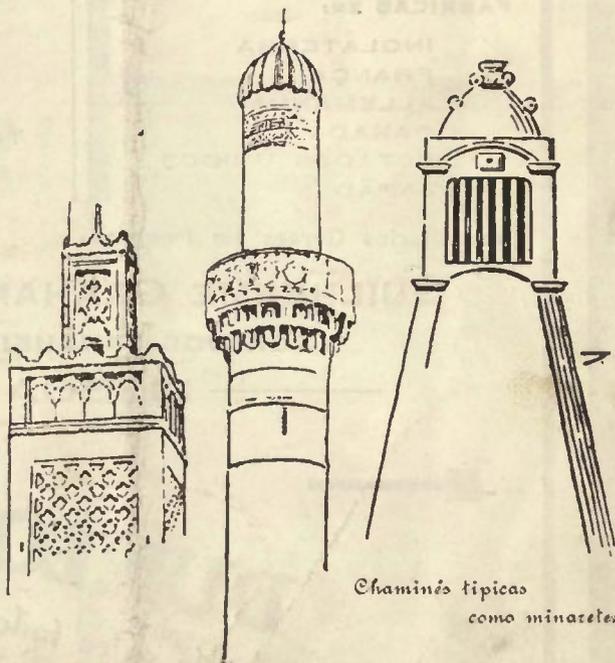
*A Estrela do Redentor* por Lyster Franco.

*Saudação* por Pereira Coutinho.

*O Crochet Artístico (secção feminina)* Melle. Meeless.

*Anedotas.*

*Anuncios.*



Chaminés tipicas  
como minaretes

*Composição, impressão e edição:*

# Artes Gráficas, L.<sup>da</sup>

103552

# DUNLOP

RUBBER C.º L.º<sup>TD</sup>

INVENTORES DO PNEUMATICO

SÉDE:

FORT DUNLOP, BIRMINGHAM, INGLATERRA.

*Fornecedores da Casa Real Ingleza*

FÁBRICAS EM:

INGLATERRA  
FRANÇA  
ALLEMANHA  
CANADÁ  
ESTADOS UNIDOS  
JAPÃO

COM

SUCCESSAES

EM

TODOS OS PONTOS  
DO GLOBO

Depositaros Geraes em Portugal:

**GUILHERME GRAHAM JR. & C.<sup>A</sup>**

RUA DOS FANQUEIROS, 7

— LISBOA —

**DUNLOP**

© melhor de entre todos os Pneus

Agentes-vendedores em todo o Algarve:

**CABEÇADAS & SANTOS, L.<sup>DA</sup>**

FARO

PORTIMÃO

DEP. LEG.

director  
editor  
candido  
valerio

# VIDA ALGARVIA

NOTICIA MENSAL DO MOVIMENTO COMERCIAL, INDUSTRIAL, ARTISTICO E LITERARIO DO ALGARVE

administrador: joão  
alves  
de souza

ANO I FARO, 15 de Maio de 1930 NUMERO 1

NUMERO AVULSO UM ESCUDO

Assinaturas { Continente + Semestre, 6\$00 + Ano 12\$00  
Colonias + Ano, 15\$00 + Estrangeiro, 20\$00

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

# NAVIO AO MAR!

FOR JOSÉ JULIO RODRIGUES



PEDEM-ME os meus amigos da revista «Vida Algarvia» que algo diga sobre o valôr e o provavel destino da sua tentativa.

Pois bem — Dir-lhes-ei que o caminho é bom e que tudo está no impulso com que a nave fôr atirada ao mar do acaso e na forma como o timoneiro ocasional a orientar no meio de encontros e de escólhos.

Lançar uma Revista é sempre uma cousa grave.

Não ha mais tempo, nestas vidas em es-corço, dinamisadas ao extremo na ancia e na busca do exito, para absorver a substancia massuda de corpulentos in-folios!

A gente americanisada do nosso tempo, foge, como da peste, do sabio indigesto ou do livro transbordante.

Revista e jornal, eis hoje as ditas alavan-cas de difusão.



Aquela mais aristocratica e mais conceituosa, este mais popular e mais simplista.

A Revista mesmo tem evoluçionado. O que perdeu em texto compacto ganhou em profusa e graciosa illustraçãõ.

Os tempos de *Revue des Deux Mondes* com o grave Buloz á frente, pejada de estudos substanciosos de 30 e 40 paginas, passaram.

Triunfa hoje o Magazine policromo, assetinado e cheiroso, de páginas léves, com seus anuncios de arabescos multicores, futil e sério a um tempo, abrindo sem cançasso as portas do devaneio, éco de mil facetas de todas as cousas do grande mundo.

Nos halls dos grandes hotéis, nas cobertas dos paquetes de luxo, nos terraços dos restaurantes cosmopolitas, nas mesas dos wagons-salons, em todos os Pullmans internacionaes, o Magazine se ostenta como borboleta irisada e faiscante, levando a todos os recantos os écos dos acontecimentos.

Na sua vida de um dia, palpitar efemero de azas, êle fornece ao leitor o *quantum satis* de

impressões, sem exceder a sua cubagem de fadiga no nosso meio das mil e uma preocupações da existencia quotidiana.

E' esse desideratum que se propõe, julgo eu, esta nova revista algarvia.

Coração ritmando o seu compasso com a marcha das cousas do mundo, espelho de vivo reflexo dos mais variados tons do meio ambiente, caixa sonora condensando e repercutindo as vibrações nacionaes e particularmente as deste lindo bocado da Patria, verde, azul e ouro, eis segundo o meu benevolo agouro, o que será a revista que me den a honra insigne de me tomar como padrinho.

Que no traçado do seu horoscopo concorram as fadas boas como no conto de Perrault e que não lhe constituam *entraves* á rota triunfal os ladridos de despeitados, canzoada muito comum neste oloroso jardim d'Europa.

E quebrada nas nervuras do casco a garrafa classica de *champagne*, batisada a náu, amarras soltas e àla! .. para os bons destinos!..

---

O Prof. José Julio Rodrigues, antigo professor e Reitor dos Liceus portuguezes, espirito gentilissimo de Artista e homem de sciencia, sabendo dar á ideia a revestidura verbal mais justa, ainda estudante, demonstrou as suas altas qualidades de critico no livro «Musica de Wagner» que é um dos mais notavéis estudos que sobre o grande mestre alemão se tem publicado e breve se esgotou. Com muitos outros trabalhos de grande relevo scientifico e literario tem honrado as letras patrias e no Rio de Janeiro no curso de filosofia de arte, feito na Biblioteca Nacional e Academia de Altos Estudos illustrou grandemente o nome portuguez. Mas entre todas as suas grandes qualidades de Mestre insigne, avulta a de conferencista, que nenhum outro ainda ouvimos de tão facil e eloquente dicção. Não lhe tem faltado a homenagea-lo hourarias que não procura, de entre as quais, nos apraz destacar a de vogal em Faro do Consello de Arte e Arqueologia, uma das mais doutas agremiações do nosso paiz.

ha cerca de seis mezes, os acasos da burocracia trouxeram até á nossa prosaica Faro, um homem que, ao seu espirito elegante e civilisado, alia uma grande paixão por tudo quanto é sciencia, arte e tradição. Tão deshabituaados estamos de entreter o nosso espirito com dissertações inteligentes que, ou por meio de conferencias, ou de escritos ou ainda de conversas, nos afastam do lodaçal em que parece afundar-se a ontrora pacata cidadoesinha provinciana que era Faro—todas aquellas pessoas a quem, por feitio, por educação, ou por outro qualquer motivo, mais interessa o estudo e o conhecimento do que é belo, do que os «racontars» da má lingua provinciana, respiraram a amplos pulmões. o ar puro que emanava dessas conferencias e lições de arte, fazendo criar ideias mais nobres e interessantes nos cerebros impregnados de miasmas que envenenavam a nossa inteligencia e acabrunhavam o nosso espirito.

—:—

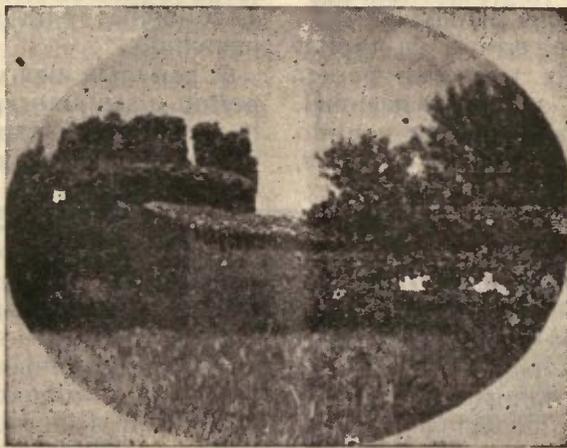
A' falta de motivos que podessem entreter, na inestetica e desinteressante Faro da actualidade, a sua inteligencia e o seu feitio de artista, ele procurou encontrar no passado, aquilo que a actualidade não lhe podia dar. E, num passeio ás velhas ruinas de Ossonoba encontrou

o estímulo que lhe faltava para poderem vibrar novamente os seus nervos habituados ao progressos dos paizes novos ou á arte da velha Europa.

## O Grupo dos Amigos de Ossonoba

E bastou a chama do seu entusiasmo para atear o fogo sagrado no espirito daqueles a quem são indiferentes essas manifestações de carinho pelo passado e pelos seus misterios. E assim se constituiu o Grupo dos Amigos d'Ossonoba...

—O que se propõe fazer esse grupo? Ressuscitar, tanto quanto possivel a cidade morta que ha dez seculos assombrava, pelo seu esplendor, os poetas e escritores coevos. Guardar zelosamente as ruinas que atestam o passado sumptuoso do seu balneario. Evitar a destruição de que, dia a dia, desde sempre, tem sido vitima. Tornar conhecida a sua historia. Ensinar ao povo da risonha aldeia de Estoi, que



Ruinas de Ossonoba

hoje substitue a cidade magnifica—a melhor de todas, como dizia Razis, — o quanto se deve orgulhar de possuir os restos da sua vetusta antecessora e o carinho que lhe devem merecer as ancestrais ruinas

Interessar todos os Farenses, na obra que nos propomos realizar e que á propria Camara Municipal já mereceu a devida atenção

por iniciativa do seu antigo membro, tenente Guerreiro Rabeca, é tambem proposito do Grupo, á frente do qual

## o Pintor Ricardo Bensaude

Há já alguns dias que se encontra entre nós, na qualidade de professor da Escola de Artes e Ofícios, o pintor Ricardo Bensaude.

Sua família que deu á sciência portuguesa alguns dos mais insignes cultores, mostrou-nos, neste ramo, que a Arte não era estranha ás possibilidades do seu talento, e pelo próprio pai do pintor, o baritono Mauricio Bensaude e por seu filho, afirma excelsas qualidades estéticas.

O moço pintor, terminado com muito brilho o seu curso da Escola de Belas Artes de Lisboa, mereceu a honra da pensão Valmor e a Paris foi alargar o horizonte, já então vasto, da sua visão de criador plástico.

Quando de lá voltou, tinham passado pelos seus olhos as imagens inspiradoras da arte e da paisagem de todo o Sul da Europa. Na exposição que logo a seguir fez nos salões da Liga Naval, em 1924, a critica da capital viu nele um artista que, sem perder contacto com o ambiente nacional, sabia ser moderno no melhor sentido da palavra: dando côr, dando volume, dando luz sem fotografar o mundo ex-

terior, antes projectando o reflectido por uma alma de artista culto e complexo.

Senhor duma tecnica segura, que é do nosso tempo, sem extirpaciones nem bizarras, e não quere ser á maneira dêste ou daquele, o artista revelava uma sensibilidade delicada e genuinamente sua.

Foi êste homem que, como meteóro, o acaso nos trouxe até Faro. Se não soubermos aproveitar condignamente a sua passagem, perderemos a feliz ventura que a fortuna nos oferece.

Ricardo Bensaude, o admirável retratista que conhecemos do belo retrato de seu primo, o illustre geólogo Alfredo Bensaude, pode ser, além de tudo o mais, um bom mestre, para quem desejar iniciar-se na grande arte. E tem qualidades afectivas que tornam o seu convívio atraente, e todas as condições para ser entre nós um bemvindo.

A paisagem algarvia, que logo despertou o seu amor, pode encontrar nele um interprete capaz de tornar eternos os momentos fugidios da sua bella peregrina.

---

está, como não podia deixar de ser, porque a ele se deve a sua fundação. O illustre Professor Dr. José Julio Rodrigues nome já venerado e respeitado por todos os algarvios e que em pouco tempo conquistou o lugar de destaque no meio intelectual da nossa provincia, que pelos seus merecimentos, lhe era devido.

Obtida gentilmente a necessaria auctorisação para as excavações pelo Dr. Brak Lamy, dono da Quinta do Milreu, o Grupo espera alcançar a simpatia e auxilio de que carece de todos os Algarvios, creando em breve

um motivo de turismo interessante, nesta região onde tao raros são os monumentos que possam despertar interesse ao viajante. Se a terra—sepultura do passado conserva ainda em si vestigios bastantes d'essa brilhante civilização romana que aqui demorou ha uma dezena de seculos, restituiremos á vida a beleza que ela encerra. Oxalá que o vandalismo destruidor dos egoistas e ignorantes cesse de vez de hoje em diante, para que os nossos vindouros possam ainda apreciar essas riquezas, bendizendo a geração d'homens que poz cobro a esse vandalismo!—J. B. W.

# no palacio do pachá de mazagão

*Excerto das notas duma excursão escolar*

*pelo Prof. José Dentinho Jor.*

Os moiros reentravam na sua labuta pausada e silenciosa, à sombra da vetusta muralha enegrecida, que os protegia hoje, dos raios do sol forte. E outrora ela fôra o foco donde haviam irradiado ameaças à sua terra e às suas crenças. Descendentes de antigos adversários, dos quais a sua tradição lhes fala ainda com assombro, aqueles moços, que haviam atravessado as suas ruas calmas, traziam entretanto nos olhos a formosura das suas almas bondosas e sonhadoras. Por isso êles os haviam acolhido com desvelado carinho e os haviam visto sair pela porta da vila como se fossem amigos que partissem.

\* \* \*

Quando a caravana se poz a caminho, de todas as bôcas saía em sopro apenas a palavra comer! E' que não se comia desde o jantar da vespera e, sendo já quatro horas da tarde, só aparecia no horisonte o chá. Uma chavena de chá e uns bolinhos... Esta idéa fazia ainda mais fome.

Era o desânimo.—«Mas não será mais nada?! E assim mesmo se caminhava depressa. A pergunta fez-se. Monsieur Sautriot, o nosso carinhoso guia, já então ao corrente do tormento dos rapazes, informou pressuroso que um chá moiro, a rigor, em casa de moiro rico, era obra de muita mastigação. Daria satisfação inteira ao mais faminto. Era só de doces, mas tão variados e tão abundantes, que ninguém ficaria em estado de se tornar a lembrar da

*Moiras cantando*



fome que havia tido. A resposta correu veloz no grupo, que se movimentou globalmente num maior arranco. Mas emergiam novas perguntas sobre detalhes irrespondíveis. «Seria ainda muito longe?»

Já cá estamos, indicou o nosso amavel guia, apontando as trazeiras dum casa enorme, caiada.

O grupo subiu a ladeira suave que contornava o edificio e desembocou na rua estreita. Dum lado e doutro enfileiravam-se moiros enfardados em albornozes asseados, cinzentos.

A' nossa passagem inclinaram-se em cortezã reverência. «E' a criadagem», informou monsieur Sautriot. Lá adiante, em frente ao portão, seis mouros solenes formavam em meia lua. O grupo estacou. Uma figura austera de agareno, alta e magra, destacou-se. Era o irmão de Sua Excelência E ouvimos um breve discurso, de boas vindas no meio do maior silêncio, em pausado, correctissimo francês. O nobre moiro conduziu-nos sobre uma passadeira espessa, vermelha e macia, estendida desde o limiar até ao pátio.

Com seu repuxo no meio, donde saía um jacto elegante de água, que orvalhava as flôres garridas dos pequenos canteiros, o pátio era de uma formosura sóbria.

\* \* \*

Nas quatro faces abriam-se as arcadas. Seguimos pela direita. Sua Ex.<sup>ta</sup> o Pachá, nobre figura de velho, solenissimo, esperava-nos de pé, estendendo a mão a todos, arregaçando de vez em quando a manga larga do seu albornoz de seda, que lhe impedia os movimentos. Depois inclinou-se levemente. Nós seguimos para a sala que ficava em frente, e êle voltou a sentar-se no seu

coxim, ladeado pelos seus ministros que se dispunham em semi-circulo. Olhámos o grupo. Era bem uma estampa dos contos das mil e uma noites. Os rapazes estavam pasmados. A sala onde iam ser servidos era atapetada com uma bela carpete colorida a vermelho vivo e branco. Dos lados, em toda a extensão, coxins corridos, macios, avermelhados e as paredes forradas da mesma côr. Sobre pequenos suportes, alinhavam-se a meio, quatro enormes bandejas de prata, coberlas com gaze côr de rosa. Todos os convidados se sentaram, calados. A' entrada da porta, em uma mezinha baixa, três mouros acorados preparavam o chá. As autoridades francezas quebraram o silencio dirigindo-se aos estudantes que pasmavam como todos os que ali estavam pela primeira vez. E' que já sabiam do estado em que eles estavam e informavam que podiam servir-se de quantos bolos quizessem. Nisto os serviçaes levantaram-se de bandejas alçadas uns, os outros trazendo o chá. Ao mesmo tempo ouve-se no pátio o som dolente de um violino acompanhado de uma espécie de pequenos tambores. Um cân-

*Mouros dançando no pateo ao som dos violinos e do tam tam*



tico monótono de vozes femininas surge. A admiração aumenta e os serviçais chegam ao pé dos estudantes, que despertam da sua meditação.

O chá era servido em pequenos copos de cristal, meios apenas. Das pirâmides enormes de doces cada qual tirou delicadamente um apenas. Foi preciso que lhe dissessem que havia que tirar mais, a não ser que não gostassem. Os doces moiros eram de facto magníficos e o aviso não foi de balde, porque depois serviram-se às mancheias. E o cântico prolongava-se. Tomado o primeiro meio copo de chá vieram novamente os serviçais, com outro. Era da praxe tomar três, pelo menos. Meia hora depois os belos rapazes já não tinham fome. Seguiram-se os bailados. Saimos todos da elegante sala e viemos para o pátio. Os músicos estavam debaixo da arcada fronteira á porta, assentados, tendo ao lado as moirinhas cantadeiras que logo se levantaram. E as danças começaram. Os estudantes deitavam ás raparigas, envergonhadas, por verem tanta gente estranha, olhares maliciosos. Primeiro dançaram a duas e duas, avançando e recuando, ao compasso da música, em pequeninos passos, meneando um pouco os quadris. Os pési-

nios mal se viam sob as saias largas e compridas. Como os rapazes se aproximassem para tirar fotografias, envergonharam-se mais ainda e dansaram a custo. O chefe da orquestra exótica insistia. Davam os seus passinhos e paravam logo. Mandaram-nas sentar e a cantilena recomeçou. A rapaziada mostrava pasmo e satisfação. Careciam de recordações e puzeram-se a fotografar tudo. Só o pachá respondeu, excusando-se delicadamente, quando um dos estudantes lhe mandou perguntar se consentia que o fotografassem. O intérprete veio dizer «que Son Excellence n'y tenait pas». Entretanto um mais ladino tentou a operação, mas sem resultado.

\*

\* \*

Eram horas de partir para o Casino de la Plage a tomar o aperitivo, O Pachá levantou-se. Agradecemos-lhe a honra, apresentando-lhe, com as nossas despedidas, as nossas homenagens. O intérprete transmitiu-lhe as nossas palavras de encanto e de reconhecimento e traduziu-nos os seus agradecimentos comovidos. Estava terminada a visita. E a saída fez-se com o mesmo cerimonial da entrada.

#### No quartel:

O Capitão—Oiça lá, sargento, tenho notado ultimamente que alguns soldados da minha companhia me aparecem com umas camisas muito sujas. Mande-os mudar de camisa, imediatamente.

—Mas, meu capitão, ha alguns que não teem mais que uma camisa.

Não lhe admito considerações; faça o que lhe mando fazer.

—Mas como, meu capitão?

O capitão furioso: que as mudem trocando uns com os outros.

O chauffeur distraído entra num estabelecimento e pede luvas.

—Deseja um par de luvas? Muito bem. Qual é o numero?

—O S 27.340.



—Papá, tens-me dito varias vezes que gostarias que te imitasse, não é verdade?

—Sim, filho.

—Pois já comecei... hontem imitei a tua assinatura num cheque.

# A Linda

*Na praia, ao romper d'alva... Era tão linda!..*  
*Sentada numa rocha negra e quieta,*  
*Ela par'cia—como a vejo ainda!—*  
*Um sonho indiscreto de poeta.*

*Cantava o mar na rocha... Airosamente*  
*Uma gôta de espuma, leve e louca,*  
*Dum salto foi pousar suavemente*  
*No cacto virginal da sua bôca.*

*E a linda estremeceu, sorriu, còron*  
*—Tinha incêndios de sonho no olhar—*  
*E baixo, docemente, murmurou:*  
*«Pois também tu, ó! mar!...»*

*Anos passaram... Numa tarde amena*  
*Encontrei-a de novo a meditar*  
*Pálida e triste como uma açucena*  
*Que começa a morrer, cair, murchar.*

*Sentada ainda sobre a mesma fraga*  
*Tinha nos olhos outra claridade:*  
*Era outra luz, duma tristeza vaga*  
*Com suaves reflexos de saudade.*

*O mar vasava... E vendo o mar tão lindo*  
*Ir-se afastando, ouvi-a murmurar*  
*Num desespero infindo:*  
*«Pois também tu, ó mar!...»*

# Página

---

# Feminina

---

Entre as inúmeras coisas que a moda tem ressuscitado conta-se o *crochet* — não a renda de *crochet* vulgar que repete sempre os mesmos motivos, numa monotonia — mas uma renda mais artística que procura reproduzir frutos, flores, folhas, etc., do natural, combinando-as e associando-as inteligentemente.

Com uma agulha de *crochet*, vários modelos coloridos ou brancos simplesmente, compõem-se hoje lindos motivos para almofadas, stores, abat-jours, naperons — que sei eu? — tudo quanto a nossa fantasia idealizar, não desdenhando as flores e frutos estilizados ou de sabor futurista ou cubista, para melhor lhes dar um cunho moderno e gracioso.

Estes motivos são ligados entre si por barretes caseadas (como as do bordado Richelieu) ou tecidas como as do bordado inglês ou ainda colocados sobre um fundo de rêde que pode ser de filete ou feito também a *crochet*, mas numa linha mais fina para que não prejudique o efeito do ornamento.

Os pontos empregados são os mais vulgares: — *cheio* com mais ou menos laçadas, conforme a conveniência, e o

Seu gentilíssima deferencia para com a "Vida Algarvia" será esta pagina dirigida por M.elle Ema Meeless que responderá a todas as consultas que lhe sejam feitas sobre questões femininas.

Toda a correspondencia para esta secção deverá ser dirigida a:

M.elle Ema Meeless - Redacção da "Vida Algarvia" - Faro

crochet artistico

desenho indicará melhor o que convém.

Como se trata da renda mais vulgarmente conhecida e, como para executá-la, basta um

novelo, uma agulha e os vossos dedos habilidosos, aqui tendes, queridas leitoras, uma idea a aproveitar para os vossos serões e também para as vossas estadas no campo e praias, que o tempo corre vozz...

P. F. — 1 — Pode escolher uma «capeline». Usam-se imenso e ficam muito bem a um rosto jovem; de resto ha-as tão bonitas — de palhas arrendadas e transparentes — que é facil a escolha.

Os vestidos continuam a ter a cintura mais alta, isto é, quasi onde ela o é de facto e, para passeio, ficará bem um fato de 3 peças: blusa clara, em tecido leve (crepe de Chine, étamine, organdi, etc.) e saia, talhada em forma ou com algumas pregas, em tecido igual ao pequeno casaco que completará um gracioso conjunto.

A saia usa-se sobre a blusa e muitas vezes rematada por um cinto condizente, com fivela.

Sempre ao seu dispôr.

A. L. V. — 2 — Já experimentou a pasta dentifrica «Benamôr»? E' um bom produto e tem um perfume muito agradável.

Maria Laura — 3 — Sim, usam-se punhos e golas de renda. Não lhe será difficil encontrar em qualquer loja de modas lindos modelos nos mais variados géneros e feitios; mas como tem habilidade e bom gosto pode confecciona-los em *crochet* artístico ou a bi ros e ficarão igualmente bonitos.

EMA MEELESS



*POLA NEGRI e NORMAN KERRY*  
AMOR DE ESLAVA (Filme da Paramount)

## AMOR DE ESLAVA (*Fedora*)

**f**ilme encantador no qual vemos passar diante de nós, vivendo-o tão de perto como o viveram Pola Negri e Norman Kerry, como viveram os últimos príncipes Strogonoff; que nas imensas «steppes» russas branqueados pela neve eterna tinham refugiado a vida.

A alma russa, cheia de resignação e misterio, exhibiu-se-nos intensa, com verdade na princeza Fedora, que Sergio Strogonoff pertence para mulher de seu filho Wladimir.

Fedora vinda de Moscovo é recebida entre festas e alegria mas entretanto Wladimir é assassinado pelos nihilistas. Cheia de dor parte a noiva para Paris em procura do criminoso. Um dia porém, no decorrer duma festa ela apaixonou-se por um rapaz e um novo idílio começa.

O seu novo amor não podia ser lon-

# cin

go pois que ela descobre nele, dentro em pouco, motivo para odiar o o seu noivo. Era ele o criminoso.

Quando a vida lhe parecia sorrir novamente ela sente o coração dilacerar-se-lhe de dor e envenena-se. E termina assim o filme com uma nota lancinante.

## OS PECADOS DOS PAIS

(Drama em 10 partes)

**q**uem viu os filmes «O Patriota» e «A Tortura da Carne» em que Emil Jannings realisa as maiores maravilhas do cinema pode esperar de «Os pecados dos pais» a continuação da sua formidável obra. Neste filme o artista não se ultrapassa, iguala-se, ha n'ele flagrantes semelhanças com «A Tortura da Carne».

Conta-nos a historia dum pobre criado de meza, que quer fazer do filho um homem da sociedade. Como o producto do seu trabalho não chega, ele, numa obsessão sempre crescente dedica-se aos mais abjectos misteres, dedica-se á fabricação de bebidas al-

e m a



EMIL JANNINGS e JEAN ARTHUR  
em OS PECADOS DOS PAIS (Filme da Paramount)

coolicas transgredindo assim a lei-seca em vigor na America.

Desgraçadamente é o filho a primeira victima do seu falso whisky, da droga perigosa que o cega.

Maravilhoso o papel de Jannings e é magnifico todo o conjunto do qual fazem parte: Zazu Pittz, Barry Norton, Ruth Chaterton e Mathew Betz.

## MARCHA NUPCIAL

(Drama em 14 partes)

em 1914 alegrava a cidade de Viena d'Austria com a sua ridente juventude e beleza uma rapariga, Mitzi tocadora de harpa e que exercia a sua profissão num restaurante dos arredores da cidade.

Um dia foi com o seu noivo o carneiro Schani ver a procissão do Corpus Cristi e quando o corte-

jo ia saindo da catedral de Santo Estevam o cavalo do principe Nicki espantou-se e atropelou a. O principe fica encantado com a sua beleza e cheio de magua pelo desastre foi em seguida visita-la ao hospital ficando entao apaixonado por ela que se lhe entrega de corpo e alma.

Ao principe, alma cheia de vicios e arruinado, fazem-no casar com uma

Filmes a exhibir brevemente em Faro no Cine-Teatro Farense.

Uma scena do film  
MARCHA NUPCIAL. Filme da Paramount



princesa coxa mas rica. A pobre Mitzi sofre imenso por ver tantos juramentos de amor traidos, mas perdoaihe.

O carniceiro, bruto cheio de crimes, vendo sofrer a noiva tenta matar o principe no momento em que vem saindo a marcha nupcial, mas Mitzi colocando-se em frente deste promete ao noivo casar com ele.

### UM FRIO DE RACHAR

Todo o calor que Joan Crawford sentir d'agora em diante será para ela o maior dom de Deus, pois que acaba de regressar duma viagem onde foi filmar uma produção, um lugar que ficava situado a 2500 metros acima do nivel do mar e onde o termometro marca zero quazi sempre. Depois de duas semanas de estadia nestas alturas Joan esteve a pontos de ficar gelada e quazi vendeu a alma ao diabo para se aquecer nas chainas eternas.

### LON CHANEY

Este artista que não é conhecido como escritor, escreve de facto

artigos bastante substanciosos para os jornais, sem receber remuneração alguma.

As más linguas de Hollywood iam espalhando já, aos quatro ventos que o casalinho Crawford-Fairbanks se ia desfazer.

Mentiam, afinal, pois que os dois esposos se estão preparando para celebrar o aniversario da sua boda.

A colonia cinematografica espera os convites anciosamente depois de lhes ter estalado a castanha na boca.

Os demonios dos creados, como as creadas, como toda a gente afinal teem ás vezes coisas.

Calculem que o da Norma Shearer que descarregou para ela não sabemos quantos camions de presentes pelo Natal, atirou para o lixo nada menos que todos os cartões que acompanhavam os presentes e agora vamos a ver a Norma atrapalhada sem saber que norma ha-de seguir para agradecer.



HAROLD  
LHOYDE e ANNA  
CRISTY  
que já tivemos  
ocasião  
de apreciar  
em  
O AZ DA VE-  
LOCIDADE

# a estrela do redentor

(CONTO INEDITO)

Às tardes, antes que a sombra arroxeadada das montanhas descesse á escuridade humida dos vales e os tufos da vegetação se revestissem de tons bronzeados, Cléofas, o velho escriba cego, vinha, conduzido por Miriam, sua linda neta, sentar-se á porta da casa, num banco rustico que um frondoso cedro resguardava das ardençias do sol.

A'quela hora toda a paisagem circundante parecia cingida em serena religiosidade!

Resignado á sua infeliz sorte, o ancião para ali ficava por muito tempo até que a carinhosa neta, segurando-lhe na mão engelhada e trémula, o conduzia para dentro da pousada, não fôsse causar-lhe dano o lento esfriar do crepusculo...

Por vezes, lagrimas assomavam aos olhos mortos do triste!

Lagrimas que ele desejaria sempre ocultar, para não afligir a linda Miriam, tão meiga, tão sua amiga!

E, só raramente, a neta lh'as surpreendia!...

— Não se mortifique, avôsinho, dizia-lhe, então a jovem, com a sua voz acariciadora. Não chore!

E ele, num sorriso amargo:

— Não! Que até desagradaria a Deus! Muito maiores foram os trabalhos de Job, o justo, e os Livros Santos diziam que o bondoso patriarca sempre os aceitou com resignada paciência...

E as suas mãos trémulas, as suas pobres mãos alquebradas, em gestos incertos, afagávam o lindo rosto de Miriam, a sua querida neta, cuja beleza, abençoada por Deus e impregnada de uma suave languidez, a tornava um dos mais formosos tipos de mulheres siriacas dos arredores.

Miriam, muito meiga, aconchegava-se ao ancião; ternamente estreitava-o por muito tempo em seus braços como se quizesse animar aquele

vulto alquebrado dando-lhe todo o calor da sua estuante e florida mocidade.

E era lindo de ver-se aquele grupo constituído pelo velho e pela jovem.

Cléofas, de feições energicas, um tanto duras, mas que a brancura dos cabelos e da barba muito suavizavam, formava um interessante côtraste com Miriam, cujo lindo rosto de um belo tom roseo-dourado parecia iluminar-se com o proprio brilho dos seus grandes olhos negros, genuínos olhos hebraicos, onde havia escuridades veludineas e deslumbrantes lampejos acerinós!

E no meio da sua desgraça Cléofas sentia que no seu coração se elevava um grande reconhecimento por Deus que, se lhe tirára a vista, lhe dêra os lindos olhos da sua querida neta, tão celebrados nas cantigas dos zagais, em tardes de folga, e que eram como se seus proprios fossem...

\*

\*

\*

Todavia, o infeliz velho deixava-se, por vezes, dominar pela mais profunda tristeza. Era quando a neta, deixando-o por instantes para acudir a qualquer chamada da mãe, não podia surpreende-lo a chorar.

Angustiava-o, então, a dôr imensa de não poder contemplar a sua filha Hannah, cuja beleza tão prodigamente se continuára em Miriam, a sua linda neta! Dôia-se tambem de não poder fitar as ridentes paisagens da Galiléa, onde a fertilidade uberrima do sólo surgia para a luz em mil cambiantes de um verde tenro e suavissimo que deslumbrava a vista!

Que suplicio, não mais poder ver aquele céu de tão puríssimo azul, nem aquelas lindas montanhas longinquas, que se revestiam de ouro em brasa ao nascer do dia e que, ao poente, pareciam desaparecer sob uma vaga pulverização de ametistas!...

A grande dôr de não mais ver as aguas tranquilas do formoso lago Genezareth, daquele amplo mar da Galiléa, cujas aguas tranquilas em certos dias, ás horas do sol, reluziam como um grandioso e enorme espelho de prata polida!

Todo êsse grandissimo desgosto mináva Cléofas, o escriba cego, o pobre velho que, para ganhar o pão de cada dia para sua pobre familia, tanto escrevera outróra que de todo se lhe apagára a luz dos olhos, muito embora estes, por uma extranha ironia da sorte, tivessem ficado sempre limpidos, ainda que um tanto parados, mas sem que quaisquer nevoas os toldassem...

E tão limpidos eram os olhos do ancião que, quando conduzido por Miriam, vinha sentar-se á porta, no rustico banco de pedra, nenhum estrangeiro ao vê-lo se apercebia daquela inditosa cegueira!

Hannah, sua unica filha, casara com Samuel, um pescador da tribu de Israel e dessa união abençoada nascêra Miriam, aquela linda jovem que tão carinhosa e pacientemente servia agora de guia ao pobre cego, enquanto a mãe trabalhava na lide caseira e o pai lutando nas rudes fábricas do mar, angariava o pão de todos!...

\*  
\* \* \*

Cléofas sentia-se adorado por toda a sua pobre familia, mas o sentimento de respeitosa veneração de que era alvo, ainda mais contribuía para exarcerbar a sua dôr cruciante!

Era um bom, e como tinha a experiencia da vida, ninguém como êle para dar um conselho ou indicar uma prática. A familia queria-lhe muito. A filha, a neta e até o proprio genro, desvaneciam-se em carinhos, procurando minorar assim a triste desgraça do infeliz ancião.

Era sempre com muita satisfação e alegria que repartiam com ele as suas mágras sôpas, e seriam sempre para elles os melhores frutos e os mais saborosos peixes, que vinham áquela frugal mēsa, se Cléofas aceitasse tais primazias.

O velho, porém, embora dissimulasse sob o

seu melhor sorriso a sua enorme dor, o seu grande sofrimento, sentia-se dia a dia acurvar-se mais ao peso da tremenda desgraça que o ferira, a êle sempre tão bom observador dos preceitos da Lei, sempre tão temente ao Deus dos seus pais!...

Magoava-o sentir-se para ali inválido, êle que tão deligente fôra sempre! sem prestimo algum, condenado a servir de estôrvo a todos! Certo, Miriam cumpria cuidadosamente a tarefa de lhe servir de guia, mas era triste, muito triste, que tão dolorosa missão lhe tivesse cabido a ela que era tão linda, tão boa e meiga e a quem decerto não faltariam pretendentes!

Qualquer dia, pensava o triste, algum enamorado mancebo, viria pedi-la para esposa. Ela com a sua graça iria iluminar um lar novo, o seu lar, e êle, pobre velho, para ali ficaria mergulhado em trevas ainda mais densas!

O que ainda mais o exasperava era ver-se impossibilitado de ganhar o pão de cada dia e com o seu óbulo auxiliar os parcos recursos dos seus, que só á custa de um exaustivo trabalho conseguiam a subsistencia, pois eram tão extremamente pobres que até mais parecia viverem das boas graças de Deus!...

Cléofas sofria muito, sentindo-se condenado a pesar assim sobre aqueles a quem mais desejaria auxiliar.

Por isso, quando Miriam, a sua querida neta, o conduzia para o banco de pedra, onde outróra, ás tardes, com a familia e os vizinhos, se reuniam nas amenas conversas do sabbado, sentia o coração oprimido!

Lembrava-se dos dias felizes em que a sua voz, dominando o silencio dos campos, entoava as préces divinas ou contava historias cheias de moralidade que a todos deleitavam o espirito e davam ensinamentos! Agora, tais lembranças mais exarcerbavam o seu sofrimento e por isso, raro era o dia em que, ao passar a mão trémula sobre a opulenta cabeleira negra da neta se não lhe orvalhavam os olhos de amargas lagrimas!

— Não chore, avosinho! Deus ha-de cura-lo!

— Sim, Miriam! Não tivesse eu essa ridente esperanza e nem sei o que seria de mim! A's vezes, no negreume do meu sonho, vejo brilhar uma claridade subita, forte, brilhante, mais brilhante que todos os lumes do Templo, se fôsse



possível juntá-los num só lume! Esfrego os olhos, parece-me que vou recuperar a vista! Mas é pura ilusão! A cegueira continua, talvez ainda mais densa, e nenhum luzir vem rasgar-me esta negra venda que me tolda a luz dos olhos!

Miriam olhava-o, dolorosamente impressionada pelas aspirações do ancião, irrealisáveis por certo! Sofria! O seu terno coração oprimia-se numa grande angustia, mas, para não afligir o velho, dizia-lhe:

— Paciência, avosinho! Talvez Deus permita que algum dia o sol mais brilhante lhe rasgue a a escuridão dos olhos ou alguma linda estrela de misteriosa luz os acorde desse máu sono em que para seu e nosso mal, vai para tanto tempo estão mergulhados! ..

E o ancião repetia tristemente: — O sol! Uma estrela! Oxalá Deus te ouvisse! E concentrava-se em seus pensamentos.

Todo o pensamento do velho Cléofas foi, dali por diante, uni quasi delirante ambicionar a possibilidade daquela miragem luminosa, que viesse restituir-lhe a vista! E, no seu devanear, via-se já curado, vendo bem todas as belezas da sua terra natal. E formava tenções: iria ver todos os sitios que desde a infancia percorrêra, contemplaria as arvores a que trepára, os silvedos onde tantas vezes, em criança, ensanguentára as mãos a colher amoras; iria ver as aguas do mar franjando de prata a orla das praias e veria, cheio de prazer, inebriado de goso, a sua linda neta, que deixára de contemplar quando ela pouco mais alta era do que a haste de um lirio!

Ora aconteceu que, numa manhã, Cléofas, sentado no seu poiso habitual, ouvira a uns estrangeiros, que lhe pareceram habitantes de Sincar pela pronuncia, e que passavam pela estrada, uma conversa em que se aludia a um filho de Deus; a Messias que estava para aparecer e cujo nascimento seria anunciado aos simples e aos crentes por uma nova estrela que, muito brilhante, surgiria no Oriente.

E Cléofas, o espirito unguido de fé, pensou que se tal estrela surgisse sem duvida seria aquela cuja luz o curaria! No seu coração inflamado em religiosidade brotou a flôr da esperança! Voltar a ver!.. Que sonho!

Mas passaram muitos dias, meses, talvez anos e aquelas consoladoras palavras dos viandantes, quasi se lhe apagariam da memoria se a fé e a esperança não lh'as estivessem sempre a recordar êle que, muito resignadamente suportava, ia suportando, o pesado tormento da sua cegueira!

\* \* \*  
Contudo, numa tarde, em que o acaso o fizera permanecer por mais tempo no seu banco rustico, mais fortes alentos vieram reanimá-lo.

A tarde caíra serena e na aragem branda mas um pouco mais fina, adivinhava-se que o sol já de todo se escondêra.

Extinguira-se pelos campos o rumor do trabalho e uma serenidade augusta envolvia a paisagem.

Cléofas, subitamente, sentiu que os olhos se lhe orvalhavam de copiosas lagrimas, depois teve nêles fortes picadas como se finissimos alfinetes lhos estivessem espicaçando! Esfregou-os, vezes sem conto, com as suas mãos trêmulas. As dôres foram pouco a pouco suavizando... Depois, oh! prodigio! Oh! maravilha! Fixou os olhos no ceu e viu que recuperára a vista e tão perfeita e completamente que lá muito distante, no horizonte, muito serena, viu luzir uma estrelinha muito linda, muito brilhante!

O coração palpitou-lhe de alegria! Uma funda comoção assaltou-o, enchendo-lhe o espirito de uma infinita suavidade! Presentiu, adivinhou, que, sem duvida, era aquela a estrela do Redentor! E caindo de joelhos orou fervorosamente, agradecendo a Deus o prodigio com que o distinguira...

Depois, muito ligeiro, leve, num andar de creança, correu á porta da sua humilde pousada a bradar: Hannah! Miriam! Samuel! Vinde, Vinde! Olhai! Estou curado! Acabo de recuperar miraculosamente a vista! Vejo tudo perfeitamente! Tudo!.. E no ceu, além, aquele luzeiro brilhantissimo que anuncia o nascimento de Jesus! Louvado seja Deus! ..

A familia acudira, maravilhada pelo prodigio. Todos circundaram o ancião, julgando-o louco, a principio. Mas, de facto, os olhos dêste tinham adquirido a sua mobilidade normal, a sua tranquilla expressão de outróra!

No horizonte, muito serena, scintilava, brilhantissima, uma estrela e, como a boa nova corrêra veloz, pelos terrados e varandas, como ros e eminencias, vultos curiosos fitavam o prodigio e grupos que seguiam pela estrada orlada de sicomoros e cedros, iam exclamando a olharem o ceu:

— Hosana! Hosana! A estrela do Redentor! A estrela do Redentor! ..

Faro, Maio 1930.

F

I

M

Quando qualquer jornal ou publicação periodica delibera inserir uma folha agricola, tal facto constitue sempre um acontecimento que importa considerar com entusiasmo, num país que na agricultura tem a sua principal fonte de riqueza. Saudemos pois o novo campeão que á grei dos campos tão relevantes serviços prestará, levando o conselho pratico, o ensinamento oportuno aos mais remotos casais, que hoje, já com indiscutivel confiança aguardam as indicações da sciencia.

Com efeito as mil contrariedades que assoberbam a lavoura, onerada por tantos e tão diversos impostos, constituem segura base para a aliança que hoje criteriosamente se estabelece entre o tecnico e o agricultor—o gabinete e a terra.

De resto, uns, esgotam-se no acanhado recinto do laboratorio, entre os segredos scientificos, outros trabalhando em pleno ar, perdendo de vista distantes horisontes, estão unidos na mesma santa cruzada: tirar da terra mãe o maximo producto com o minimo dispendio.

E na lueta incessante não pode haver enfraquecimento!

A sciencia, a todos os momentos, desvendando misterios, aponta factos cuja transcendencia nos perturba e domina:—são as leis de Mendel, esclarecendo, com firmeza, os complexos problemas da hereditariedade, são as altas teorias do quimiotactismo explicando as

subtis questões da predisposição; numa palavra: o tecnico conseguindo plantas a cuja resistencia o pratico vai buscar um dos mais altos factores da receptividade... E no capitulo adubações? O que se tem feito e o que ha a fazer!? O mundo marcha e... cada vez mais

depressa! Mas o progresso vencendo as distancias, a fria impossibilidade da maquina, substituindo uniformemente a força morosa e irregular do braço humano, vem dar nova feição à cultura da terra, mais perfeita mas de maiores contingencias: basta ver a forma assustadora como se

multiplicou a vasta legião dos parasitas

Quanto mais apuramentos maior apetrechos de luta, mas mais barrancos a salvar...e mais indispensavel a aliança referida entre o que descobre e o que executa, o que ensina e o que aprende o tecnico e o pratico.

E' que ha sempre que estudar novos problemas constantemente a resolver: o actual flagelo que assoberba o Algarve—«a formiga argentina» constitue vasto campo para ensaios e experiencias em que todos podem e devem colaborar. Ha que juntar esforços, e a imprensa é, sem discussão, um elemento precioso de propaganda e ensinamento; as folhas agricolas dos jornaes já hoje, felizmente numerosas, tem um alto fim a desempenhar, do qual devem sentir louvavel orgulho: auxiliar a agricultura da nossa terra, sob uma frente unica — a politica agraria! —

---

*segão agricola*

---

*saudação*

# SEREIAS NOS AÇORES

De «Le Populaire»

Ha alguns mezes espalhou-se por todas as ilhas que próximo da ilha do Pico apareciam sereias. Veio gente de todo o arquipélago e, com desusado pasmo, viu as ditas sereias que apareciam de noite, brincando na água e cantando maviosamente. A estranha noticia atingiu a America do Norte e americanos vieram em numero consideravel certificar-se do fenomeno. Afinal de contas veio a saber-se que se tratava de um hoteleiro que tendo sem-

pre o seu minuscuro hotel ás moscas e arreliado com a falta de ganhos, começou a mandar as suas filhas banharem-se na praia, tendo-lhes arranjado préviamente um fato de banho que terminava por uma cauda de peixe. E assim conseguiu o bom do homem ter durante algum tempo a sua casa a abarrotar de hospedes!

Quantas aparições mais ou menos misticas não terão uma origem semelhante?

Perplexos, dois meninos contemplavam um quadro que representava Adão e Eva no paraíso.

—Qual dos dois é o marido? perguntou um deles.

—Como queres que o saiba, respondeu o outro, se não estão vestidos?

O semanario americano «Saturday Evening Post», saiu duma vez com 150 paginas de publicidade paga e como recebe por cada pagina á razão de oitenta mil dollares; fazendo as contas achamos \$1.200.00 que ao cambio de 20\$00 dá: vão os leitores contando as cifras 24.000.000\$00.

**Vida  
Algarvia**

honra o Algarve é  
o magazine de todos os algarvios  
propagai-o, pois!

Só tomamos em  
conta os pedidos de  
assinatura que forem acompanhados da respectiva importancia

Quem quizer  
dormir e comer  
bem dirija-se á

## Pensão Pinto

Fornecimento  
completo de almoços e jantares

LARGO BALEIZÃO

Otimo serviço de Restaurant

FARO



# crónica citadina



## A doca

Aquela pequena doca entre o jardim e o caminho de ferro que, em preiamar é um verdadeiro encanto—está a ser desentulhada...

Achamos bem e só não aconselhamos o processo á Comissão Executiva da Junta do Porto para o desassoriamento da barra—porque tal processo, sendo com certeza o mais divertido, não é talvez o de maior rendimento...

## O Porto

Continuam sem desfalecimentos as obras do porto comum de Faro-Olhão não tendo chegado a draga requerida ha tempos, com a maior urgencia, por quem de direito.

Questão vital para a cidade esta do porto—a «Vida Algarvia», como todos os farenses, olham com a maior atenção e o mais desvelado carinho, para tudo o que lhe diz respeito.

Fazemos, por isso, os melhores votos para que chegue em breve a dese-

jada draga, cuja demora tem causado os maiores prejuisos.

## As regas

Começaram ha dias a ser regadas as ruas da cidade o que, na época de calor em que abruptadamente entramos, merece os aplausos de toda a população.

O que é pena, porém, é que a camionete do serviço das regas, não possa lançar fortes jactos para o interior de algumas casas e para o corpo d'algumas pessoas que encontra no caminho...

Embora Faró seja uma cidade de progressivo asseio, tem ainda alguns habitantes, como outras terras de maior nome até, que não parecem dispostos a acompanhar este progresso. E os jactos da camionete talvez ensinassem da maneira mais convincente a essa pequena minoria que a água não serve só para beber... Aumentavam assim os rendimentos da Câmara e não seriam tão necessários os perfumes das plantas e das drogas.

<p><b>Virgilio Mendes Valentim</b></p> <p><b>AUTOMOVEL</b></p> <p>DE</p> <p><b>ALUGUER</b></p> <p><b>FARO</b></p>	
---	--

## A N E D O T A

Num exame, o professor rispido interrogou um rapazote esperto mas que está *em branco*:

—Dê-me uma prova de que o calor dilata os corpos...

O rapaz pensa e diz, triunfalmente: —Ora!... Está bem de ver!... Os dias de verão, por exemplo, são maiores dos que os de inverno...

# A PAULISTANA

Casa especial de café de S. Paulo (BRAZIL)

Fornecedora das embaixadas do Brazil e Espanha  
e da Legação dos Estados Unidos da America

Serviço rápido de remessas para a provincia  
em larifas geral e especial uu pelo correio

## EMBALAGENS GRÁTIS

Cafés puros importados directamente do Brazil  
(crús e torrados, em grão ou moldos)

Chá, aguardente de cana de PARATY legitima,  
Goiabada, Abacaxie outros doces

## PIMENTINHAS COMARY PEÇA COCOMALTE

a melhor farinha alimenticia (enriquece em 70olo o poder nutritivo do leite)

ATENÇÃO A PAULISTANA fornece exclusivamente cafés puros

Endereço teleg: PAULISTANA Escritorio o armazem Telet: T 3a7

LARGO DE S. DOMINGOS N.º 12 LISBOA

representante para todo o Algarve e Alentejo

Henrique Gomes Vieira — ALBUFEIRA

# ANEDOTAS

Entre esposos:

- Muito gostava eu de ser um livro!
- Porquê?
- Porque era a maneira de fazeres caso de mim.
- Pois eu preferia que fôsses um almanaque...
- Porquê?
- Porque só aparecias uma vez por ano!

O juiz, á testemunha : — Chegaram até vocemecê alguns pormenores da questão?

A testemunha:—Chegaram, sim, senhor juiz... Chegaram duas bofetadas bem puxadas...

## Polonio Basto & C.<sup>a</sup>

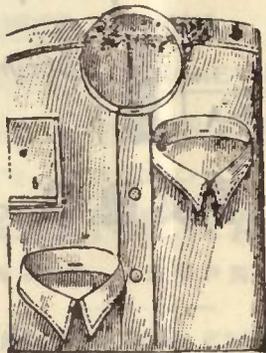
### PORTO

Tipos, tintas tipo-  
litograficas,  
maquinas e papeis

Importadores e re-  
presentantes de  
fabricas alemãs

Artigos religiosos

## CASA PORTUGAL



Enxovais em 24 horas

## Carlos da Piedade Vieira

Casa de moveis e estofos

34, Rua Teofilo Braga, 36 — FARO

A casa que em melhores  
condições vende,  
mobilieras directamente  
dos fornecedores

Sempre ultimas novidades  
em estofos e mobilieras de  
estilo, moveis soltos, etc

Ninguém deve fazer compras sem  
consultar os preços desta casa

*Vida E' a unica illustração do Algarve.*

*Algarvia Anunciai nela que a sua expansão é gazantia de bom exito.*

# Cabeçadas & Santos, L.<sup>da</sup>

"STAND" ALGARVE

RUA IVENS, 12

TELEFONE 52

END. TELEG. OIL

AGENTES NO ALGARVE

DA

*The Atlantic Refining Company*

Representantes dos Motores Maritimos

PENTA

Agentes Gerais para o Algarve

DA

*Ford Motor Company*

Representes dos Pneus e Camaras d'Ar

GENERAL, FISK, DUNLOP e KELY

Ferramentas, Correias, Empanques, Tintas, Desperdicios, etc.

Filial em Portimão

Sub-Agentes nas principais terras do Algarve

*Estabelecimento de Vendas*

5, Rua Conselheiro Bivar, 5-A

*Oficina e Garage AUTO-LISBOA*

Rua de S. Luiz, 59

F A R O

*A Oficina Auto-Lisboa*

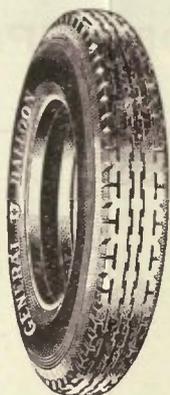
*magnificamente apetrechada para reparação*

*de automoveis, é dirigida por um dos*

*melhores mecanicos do paiz.*

# GENERAL

A Marca  
**GENERAL**  
conhecida  
é já hoje  
por



todos os  
automobi-  
listas  
portugue-  
ses

## E PORQUÊ?

*Porque o pneumatico GENERAL impoz-se pela sua QUALIDADE e não pelos contos de réis de reclame mais ou menos estrondosos.*

**GENERAL CALÇA**

GRANDES CAMIONS

PEQUENAS CAMIONETTES

E TODOS OS CARROS DE TURISMO

NÃO EXITE NA ESCOLHA:

**GENERAL**

**SERVE-O SEMPRE BEM**

**CONCESSIONÁRIOS EXCLUSIVOS**

**Corvaceira, Mariano & Gomes, L.<sup>da</sup>**

**LISBOA**

**PORTO**

**AGENCIAS DE VENDA EM TODO O PAÍS**

Agentes no Algarve: *Cabeçadas & Santos, L.<sup>da</sup> - FARO*

# AUTO-LISBOA

OFICINA DE REPARAÇÕES

## CABEÇADAS & SANTOS L.<sup>DA</sup>

*Avisam os interessados que a partir desta data os serviços técnicos da sua oficina de reparações de automoveis e motores, sita á Rua de S. Luiz, em Faro, ficarão a cargo do snr. Lucilio Nunes Barbosa, cuja reconhecida competencia e especialisação em motores, tanto electricos como de explosão, constituem a melhor garantia de perfeita execução dos trabalhos que lhe forem confiados.*

*Mais desejam salientar que os serviços de reparações em carroserias, trabalho este de responsabilidade especial, continuam, como até aqui, a cargo do snr. Alberto Lopes, justamente considerado o melhor artista da especialidade, de toda a provincia.*

*Faro, 15 de Maio de 1930.*

